

SOLOS E LOUÇA DE BARRO: O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O POPULAR

Regiane Farias Batista (1); Adriana de Fátima Meira Vital (2) Rivaldo Vital dos Santos (3); Osilene da Nóbrega Pereira (4); José Aminhas de Farias Júnior (5)

(1) *Universidade Federal de Campina Grande, vital.adriana@hotmail.com*

Resumo: Na região semiárida paraibana, especificamente no Sertão e Cariri, a atividade cerâmica é desenvolvida de uma forma empírica, herdada de gerações passadas. Os solos utilizados na arte de cerâmica apresentam qualidade diferenciada, dependendo do local onde são coletados, fato que influi na qualidade do produto final. Aliado ao saber empírico, é importante identificar as características do solo que influem na confecção das peças cerâmicas, principalmente alguns atributos físicos e químicos do solo. O trabalho objetivou avaliar a influência dos atributos do solo na qualidade das peças de barro. A coleta do solo foi realizada em duas diferentes comunidades de dois municípios do Semiárido paraibano: São José de Espinharas e Serra Branca, em locais que forneciam matéria-prima para cerâmica. Os solos foram coletados de acordo com a orientação das ceramistas para realização das análises físicas e químicas e posterior confecção das peças. A granulometria e a cor do solo influenciaram no produto final. Não se constatou influência dos atributos químicos. O saber empírico das loiceiras e a atividade constituem-se em locus de aprendizagem para a valorização e continuidade da arte.

Palavras-chave: Uso não agrícola do solo; Etnopedologia; Semiárido; Loiceiras.

Introdução

Organismo complexo e dinâmico; verdadeiro retalho de cores, texturas e consistências que sustenta e mantém as inúmeras formas de manifestação de vida, o solo é o grande reservatório da Natureza. Além do uso agrícola é matéria prima para uma diversidade de atividades humanas, estando presente nas pinturas corporais, rupestres, no tratamento de enfermidades, na alimentação humana e na confecção de peças ornamentais e utensílios para uso geral dos povos (ALVES; MARQUES, 2005).

Em que pese o avanço das tecnologias da modernidade no mundo contemporâneo, o uso de objetos artesanais, compondo o cotidiano das pessoas, é ainda bastante expressivo, mormente aqueles que têm o solo como matéria prima, especialmente as argilas ou simplesmente o “barro de loiça”.

A arte com a terra, seja pela facilidade de acesso, aquisição e manipulação, conquistou o interesse de diversas comunidades, atendendo suas necessidades mais imediatas, desde a elaboração de artefatos domésticos destinados às múltiplas funções do cotidiano, sejam utilitárias, decorativas, lúdicas ou religiosas, até as construção e pintura das edificações, colaborando assim para o embelezamento, a tradição, a cultura e o empoderamento de comunidades mais distantes das decisões do poder (MURAKAWA; RIBEIRO, 2009).

A arte e a técnica da cerâmica estão em plena vitalidade em nosso país. Aqui convivem as manifestações populares e as eruditas, a cerâmica artística, religiosa ou utilitária. Mas a vitalidade da cerâmica, entre nós, é fornecida por um duplo acontecimento. Há uma grande tradição cerâmica no país, e a população não abdica de seu uso diário. Esses dois fatores, o da tradição e o do uso cotidiano, favorecem o permanente aperfeiçoamento e a possibilidade de aprimoramento expressivo. A cerâmica está presente na vida cotidiana e, ao mesmo tempo, surgem novos artistas e se fortalecem produções já existentes. O mercado consumidor da cerâmica é crescente em todos os níveis de sua utilização (ROSA, *et al.* 2001).

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

O saber empírico das populações rurais sobre os solos tem sido geralmente desconsiderado em programas de pesquisa e desenvolvimento, embora haja exemplos de sua importância (ALVES; CHAVES, 2004).

Queiroz; Norton (1992) demonstraram a validade de uma classificação camponesa para diferenciar e agrupar solos com base em critérios morfológicos, no Nordeste Brasileiro, produzindo resultados positivamente correlacionados com aqueles obtidos pela classificação pedológica formal que então se usava no Brasil. Sandor; Furbee (1996), por sua vez, observaram que alguns camponeses de uma região semiárida da cordilheira dos Andes sabem identificar cerca de 50 categoria de solos e matérias minerais. Observaram ainda um alto grau de correspondência entre as classes texturais de solos reconhecidas por camponeses e as do sistema de classificação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Os principais materiais do solo utilizados na produção da “loija de barro” são “barro de loija” (que confere plasticidade à massa cerâmica) “areia do rio” (antiplástico) e “toá” (corante). Dentre estes recursos, o “barro de loija” é o único indispensável. Outros recursos naturais utilizados são: água (para homogeneizar e modelar o “barro de loija”) e lenha (ALVES, 2004).

A visão, o tato e o paladar são empregados pelos artesões na avaliação da qualidade do “barro de loija”. Eles identificam esse material no campo, primordialmente, pelas fendas (“lachões” ou “rachões”) que apresenta. Quando esse horizonte não apresenta fendilhamento visível, os artistas rejeitam o “barro” (ALVES et al, 2005).

O solo ou parte dele, especificamente uma determinada camada é o recurso utilizado pelos ceramistas na produção dos seus produtos artesanais. No entanto apesar de ser uma técnica ou arte antiga e de domínio popular, tecnicamente as ceramistas não dispõem de um auxílio técnico - científico que fundamente as suas ações, e proporcione uma diferenciação quanto a qualidade do solo ou substrato utilizado, a partir de conhecimentos técnico-científicos dos atributos do solo.

Assim objetivou-se analisar a influência dos atributos do solo na confecção das louças de barro, e estimular o acadêmico a conhecer um pouco da cultura local, através do acompanhamento da confecção de produtos cerâmicos utilizando solos de diferentes locais, atentando para as diferenças entre a matéria-prima segundo o saber empírico das artesãs e conhecimento científico, especificamente, de alguns atributos químicos e físicos do solo.

Metodologia

Foram selecionadas duas louceiras dos municípios de São José de Espinharas e Serra Branca (PB), cidades essas onde foram feitas as coletas do barro. Para resguardar a identidade as louceiras foram identificadas como X e Y. As cidades onde foram coletadas as amostra de barro caracterizam-se por apresentar clima tipo semiárido quente, com elevadas temperaturas (médias anuais 26°C), pequena amplitude térmica anual (5°C), médias totais anuais de precipitação que oscilam entre 500 a 800 mm/ano, apresentando ainda forte concentração de chuva, com marcada irregularidade na sua distribuição e longa estação de estiagem. A vegetação é do tipo caatinga arbustiva hiperxerófila e os solos são em geral, jovens, pouco profundos, relevo levemente ondulado, predominando os Luvisolos e Argissolos.

Coleta do barro

A quantidade e a profundidade na qual foram realizadas as três coletas dos solos foram de acordo com as instruções das louceiras. Após a coleta, o material foi conduzido ao Laboratório de Solos (CSTR-UFCG) onde foi seco ao ar, destorroado, passado em peneira com malha de 6 mm de abertura, e em seguida, homogeneizado, para retirada de uma pequena amostra, que fora passada novamente em peneira com malha de 2 mm de abertura para posterior caracterização física e química.

Município de São José de Espinharas

A senhora X é ceramista há 45 anos, residente no sítio Travessia que é de sua propriedade e que fica no município de São José de Espinharas - PB. Ela confecciona vários tipos de produtos cerâmico por encomenda, sendo o quite feijoada o mais encomendado, tem um trabalho bastante conhecido e respeitado na região, prestígio esse que vem da ótima qualidade de seus produtos. A coleta do barro que utiliza para a fabricação dos produtos cerâmicos em sua propriedade (sítio) conhecida como Travessia que fica no mesmo município.

A vegetação do local de coleta do barro é bem característica do tipo caatinga, destacando-se espécies como jurema, oiticica, juazeiro, xiquexique e malva. Não foi observado a presença de água como açudes, rios ou até mesmo córregos, próximo ao local de coleta do barro.

De acordo com a ceramista o “barro bom” para cerâmica foi identificado observando a presença de rachaduras no solo, para uma melhor identificação foi adicionado um pouco de água no barro e em seguida com o tato foi sentido a sua textura que se apresentava um pouco macia. Após a identificação do barro que se encontrava bem na superfície do solo o mesmo foi coletado, e em seguida posto em um saco de plástico.

Município de Serra Branca

A senhora Y de 89 anos, é a louceira mais antiga da Comunidade Ligeiro de Baixo, e trabalha na confecção de cerâmica desde criança, tendo aprendido o ofício com sua mãe. Ela é integrante de um grupo de ceramistas localizado na cidade de Serra Branca – PB e da mesma forma que as demais, confecciona seus produtos em uma sala dentro de sua casa.

No local de coleta observa-se pouca presença de vegetação, em virtude do desmatamento comum na região, muitas vezes na beira da estrada, onde o solo encontra-se bastante exposto. Relativo a vegetação, destacam-se as algarobas, alguns marmeleiros e catingueiras.

A louceira produz diversos tipos de produto cerâmico, destacando-se as peças de cozinha, seguindo a tendência de demanda dos consumidores. Ela informou que, dentre as características que a mesma utiliza para identificar o barro ideal para confecção de cerâmica ela destaca a localização, um pouco abaixo da superfície do solo, onde se encontra um barro duro que retém bastante umidade, apresentando-se com uma coloração um pouco mais escura, podendo também ser observada algumas rachaduras. Acrescentou ainda que, se o barro for forte, é preciso adicionar um pouco de barro mais fraco.

Preparo e confecção da louça de barro

Após a coleta do barro o mesmo passou por uma sequência de etapas até chegar ao ponto ideal de fabricação das peças. Inicialmente o solo foi quebrado em pequenos pedaços e em seguida o barro foi peneirado para o processo de umedecimento, tendo sido molhado aos poucos até obter o ponto de cera que é reconhecido através do tato. Após esse ponto o barro ficou em descanso por três dias, segundo a ceramista é bom que o barro após se preparado seja envolvido em um plástico, pois dessa forma não perderá sua umidade. Após três dias de descanso o barro foi batido. As louceiras usam pedaços de madeira grande. A partir de então o barro está pronto para ser moldado, sendo armazenado adequadamente em um ambiente seco e envolvido por um saco plástico para não perder umidade ou receber em excesso ele manterá suas características durante meses.

Segundo a ceramista quando não se tem a experiência de reconhecer através do tato se o barro está no ponto de cera é indicado que se faça com uma pequena quantidade da pasta já preparada um “pavio fino e comprido” e em seguida dar-se uma volta no mesmo, se não rachar é porque esta no ponto de cera. Após pronta a peça é levada a secar à sombra e em um local sem ventilação forte. O tempo de secagem das peças depende do clima, sendo mais demorado em períodos chuvosos. Com a peça já seca, vem a etapa do polimento para retirada das imperfeições que se desenvolveram ao

longo da modelagem, o que é feito com uma casca de coco seco, pedaço de telha ou seixo arredondado, bastante encontrada em rios ou córregos geralmente chamada de “seixos de rios”. O procedimento é realizado até que a peça fique com a superfície completamente lisa e com brilho. Apesar de ser um processo demorado e cansativo esse polimento é que garante um maior embelezamento da peça, pois proporcionara a peça uma superfície lisa e brilhosa. Por fim as peças de cerâmicas são levadas a queimar em um forno de lenha. As peças só são retiradas do forno quando estão frias quando são então limpas com água corrente.

Resultados e discussão

Os resultados das análises dos atributos físicos do solo encontram-se na tabela 1. Apesar dos solos provenientes dos dois locais apresentarem textura média, observa-se que o solo de São José de Espinharas tem menos areia (220 g kg^{-1}) e alta concentração de silte (572 g kg^{-1}) e argila (208 g kg^{-1}), enquanto o solo de Serra Branca apresentou maior concentração de areia (366 g kg^{-1}). Uma vez que o solo (barro) é triturado e peneirado, praticamente toda a areia é eliminada antes da confecção das peças, assim, não constatou-se diferença “no tato” durante a modelagem das peças, considerando os atributos físicos do solo.

Tabela 1. Atributos físicos do solo.

Local*	Areia	Silte	Argila	Classificação
	-----g kg ⁻¹ -----			
SJE	220	572	208	franco siltoso
SB	527	178	295	franco-argilo-siltoso

*SJE = São José de Espinharas, SB = Serra Branca.

As análises químicas (pH, Ca²⁺, K, Mg²⁺, Na⁺, H+Al³⁺ e CE) foram realizadas segundo Embrapa (1997). Os resultados encontram-se na tabela 2. Observa-se que os dois solos utilizados na confecção das peças de cerâmicas apresentaram altos teores de cálcio, magnésio e potássio, e leve acidez (pH 5-6). A única diferença é que o solo de Serra Branca apresentou uma maior concentração de sais solúveis e sódio. Tal fato implica numa maior dispersão das argilas com consequente migração para camadas mais profundas, o que é comprovado pelo menor conteúdo de argila no solo associada a alta quantidade de areia (527 g kg^{-1}) o que possivelmente resultou na fabricação de produtos de qualidade intermediária quando utilizou-se tal solo.

Tabela 2. Atributos químicos do solo

Local*	Na	K	Ca	Mg	H +Al	pH	CE _{1:5}
	-----cmol _c dm ⁻³ -----						dS m ⁻¹
SJE	0,35	0,23	18,62	4,58	1,66	5,36	0,04
SB	2,17	0,46	20,1	3,1	2,05	6,02	0,58

*SJE = São José de Espinharas, SB = Serra Branca.

Quanto ao produto final verificou-se que as peças produzidas com o solo de Serra Branca apresentaram pouco brilho e textura mais áspera, comparado à peça produzida com o barro de São José do Espinharas. O fato provavelmente seja devido a menor quantidade de silte (178 g kg^{-1}) e alta concentração de areia (527 g kg^{-1}) em contraponto com os valores do solo do sertão com menor quantidade de areia (220 g kg^{-1}), a alta concentração de silte (572 g kg^{-1}) e argila (208 g kg^{-1}).

Conclusão

Verificou-se um melhor produto final nas peças oriundas do barro de São José de Espinharas; possivelmente a maior concentração de silte e a maior relação Ca/Na conferiu melhor qualidade à louça.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Â. G. C.. **Do “barro de loiça” à “loiça de barro”**. Caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no Agreste paraibano. São Carlos: UFSCar, 2004. 197p.
- ALVES; A. G. C. A; MARQUES, J. G.W. Pedologia, uma nova ciência? **In: Tópicos em Ci. Solo**, 4:321:344. Soc. Bras. Ci. Solo, Viçosa (MG), 2005.
- ALVES, AGC; MARQUES, J.G.W.; SILVA, I.F.;QUEIROZ, S,B,; RIBEIRO, M.R. Caracterização etnopedológica de Planossolos utilizados em cerâmica artesanal no Agreste Paraibano. *Rev.Bras. de Ciência do Solo* 9 (3): 379-388. 2005.
- EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: Embrapa Produção de Informação; Rio de Janeiro, Embrapa Solos, 1999, 412p.
- QUEIROZ, J. S. NORTON, B. E. Na assesement of an indigenous soil classification used in the caatinga region of Ceará State, Northeast Brazil. **Agricultural Systems**, v.39. p.289-305, 1992.
- ROSA, A. S., *et al.* **Barro E Fogo – A Arte Da Cerâmica Em Cunha**. XXX Congresso Brasileiro da Comunicação-Campo Grande /MS – setembro de 2001.
- SANDOR, J. A.; FURBEE, L. Indigenous Knowledge and classification of soils in the Andes of Southern Peru. **Soil Science Society of America Journal**, v.60, n.5, p. 1502-1512, 1996.